

Desenvolvendo aprendizes auto-suficientes

Aprendendo a aprender

O mundo do século 21 exige um aprendizado contínuo. Com o aumento da complexidade dos locais de trabalho, que demandam uma variedade maior de capacidades da mais alta ordem, e comunidades cada vez mais conectadas através da tecnologia e de outras mídias, as pessoas precisam ser capazes de desenvolver suas habilidades de acordo com o ambiente. Ajudar os alunos a controlar e administrar seu próprio aprendizado é a principal meta da educação. A biblioteca *Avaliação de Projetos* contém uma grande variedade de avaliações que os alunos podem usar para avaliar o próprio aprendizado.

Seus comentários e os dos colegas

Pesquisas indicam o importante papel que a auto-avaliação pode ter no aprendizado (Kitsantas, Reisner e Doster, 2004). Oferecer aos alunos oportunidades para avaliar seu raciocínio e o dos colegas permite que eles ponham em prática as capacidades necessárias para se tornarem aprendizes independentes e autônomos.

A auto-avaliação ajuda os alunos a internalizar os padrões pelos quais seus produtos e desempenhos serão julgados (Wiggins, 1990). As avaliações, como as rubricas, empregadas com frequência a produtos finais, podem ser utilizadas pelos alunos enquanto trabalham em um projeto para determinar se o mesmo está de acordo com as expectativas. Quando os alunos participam da elaboração das rubricas, também devem pensar no que é a excelência na área para a qual estão criando um produto. Em seguida, eles aprendem a identificar as discrepâncias entre seu raciocínio e o de especialistas do ramo. Essa prática é útil para que eles desenvolvam as capacidades necessárias para avaliar o próprio progresso.

Ao avaliar seus processos de raciocínio e os produtos que criaram, os alunos fazem muito mais do que apenas procurar erros. Eles estão “tornando explícito o que normalmente está implícito” (Noonan e Duncan, 2005 **pg. ?**). Isso é especialmente importante na avaliação de processos mentais, como a cognição da mais alta ordem e outras habilidades exigidas no século 21 que não podem ser observadas diretamente sem um planejamento minucioso.

Fazer da auto-avaliação parte da rotina diária das aulas é fundamental para produzir aprendizes pensantes, confiantes e independentes, mas requer um planejamento cuidadoso e constância no ensino. Black e seus colegas (2003 p. 52 e 53) sugerem as diretrizes a seguir para a implementação bem-sucedida da auto-avaliação do aluno:

1. Os critérios de avaliação de qualquer conquista de aprendizado devem ser transparentes para os alunos, a fim de que possam ter uma visão clara tanto das metas de trabalho como do que representa cumpri-las com êxito. Tais critérios podem ser bastante abstratos, portanto use exemplos concretos na modelagem dos exercícios a fim de desenvolver o entendimento.
2. Devem-se ensinar aos alunos hábitos e atitudes de colaboração para fazer comentários aos colegas, pois esses comentários têm um valor intrínseco, e este tipo de avaliação pode ajudar no desenvolvimento da objetividade necessária para uma auto-avaliação eficiente.

3. Os alunos devem ser encorajados a não se esquecer de suas metas de trabalho e a avaliar seu progresso rumo ao cumprimento das mesmas durante o processo .

Em aulas centradas na aprendizagem, os professores avaliam os alunos, os alunos avaliam uns aos outros e, por fim, os alunos avaliam a si mesmos. Um número considerável de pesquisas revela que pedir que os alunos pensem de forma metacognitiva sobre seu raciocínio e seu aprendizado produz excelentes resultados. Marzano (1998) descobriu que as intervenções que pediam para os alunos refletir sobre seu aprendizado tiveram mais impacto nas suas conquistas do que qualquer outro método. Quando os alunos se auto-avaliam honestamente, eles não se vêem mais como receptores passivos do conhecimento e do ensino . Eles são, de modos muito importantes, responsáveis pelo seu próprio aprendizado, por sua resposta ao ensino e por sua participação em tarefas de aprendizado expressivas.

Um fator que aumenta a eficiência da auto-avaliação é manter o foco no processo e não nas metas de produto (Schunk & Zimmerman, 1998). Por exemplo, alunos que conseguem avaliar sua capacidade de formular hipóteses, tirar conclusões a partir de dados ou incorporar um novo aprendizado ao que já existe, têm mais chances de se beneficiar com a auto-avaliação do que aqueles cujo foco é simplesmente escrever um bom relatório de laboratório. Langer destaca que pensar nos resultados geralmente inibe os alunos a resolver problemas. Uma orientação ao processo, com o pensamento “Como vou fazer isso?” em vez de “Eu consigo fazer isso?”, ajuda os alunos a raciocinar ativamente sobre as diversas formas como um problema pode ser resolvido, em vez de se concentrar nas várias possibilidades de falha (Langer, 1989, p. 34). Há evidências de que os alunos que avaliam seu próprio aprendizado em termos de resultados sofrem um efeito negativo causado pela falta de auto-avaliações freqüentes, enquanto as auto-avaliações freqüentes beneficiam todos os tipos de aprendizes (Kitsantas, Reiser & Doster, 2004).

Para os alunos que estão acostumados a ser “ensinados” em vez de “aprender”, a mudança da cultura na sala de aula para aquela em que os alunos assumem o controle de seu aprendizado pode ser desconfortável. Os professores do projeto de Black (2003) no sul da Inglaterra perceberam que seus alunos mais velhos, às vezes, não respondiam positivamente ao papel que se esperava deles na sala de aula quando a avaliação formativa era freqüente e contínua. Embora acompanhar seu próprio progresso no aprendizado possa ser motivador para alguns, para outros isso pode exigir um nível de comprometimento incômodo. Os professores precisam estar cientes disso ao começar a implementar a auto-avaliação formativa. Como Black (**2003 p.?**) e seus colegas explicam, “Para superar esse padrão de recepção passiva, é preciso um trabalho árduo e constante”.

O valor da auto-avaliação não pode ser exagerado. Quando esse tipo de raciocínio passa a fazer parte das atividades da sala de aula, os alunos aprendem mais, sentem-se intrinsecamente mais motivados, persistem com tarefas desafiadoras e alcançam níveis superiores de confiança em sua capacidade de aprender (Kitsantas, Reiser & Doster, 2004).